

FORMANDO UMA *KOINÓTETA* PAULISTANA: FIÉIS CRISTÃOS ORIENTAIS EM SÃO PAULO E SUAS PERSPECTIVAS.

FELIPE BELTRAN KATZ*

Dentre as várias denominações religiosas encontradas na cidade de São Paulo encontramos a vertente do cristianismo oriental. Essa corrente cristã foi trazida para a cidade por imigrantes vindos principalmente do Oriente Médio e da antiga União Soviética. Assim sendo, o cristianismo ortodoxo tem fortes conexões com essas comunidades imigrantes na cidade. Afinal de contas esses grupos formam a base da manutenção dessas comunidades na cidade: seriam a *koinóteta* dessas Igrejas, palavra grega (língua amplamente usada entre as Igrejas Orientais) que significa: comunidade ou reunião. No entanto essas comunidades não são estanques, são históricas, portanto estão inseridas no cotidiano da cidade. As Igrejas Orientais na cidade de São Paulo vivem um momento de inflexão de sua existência na metrópole como sugere um membro do clero da Igreja Melquita:

Atualmente, depois de tantos anos de convivência, o povo oriental aqui no Brasil, realmente nós temos agora dois tipos de geração. A de primeiro tipo, a geração que chegou do Líbano, da Síria e embarcou no Brasil e começou a viver essa primeira geração ela é muito rígida, antiga e segue muito as tradições. Temos uma outra, aquela que é descendente de sírio-libanês, esse ficou a tradição bem leve porque ela acabou casando com terceira pessoa que não é mais de origem árabe e começou a abrir para o mundo brasileiro. Aqui começaram a perder um pouquinho. Terceira geração totalmente perdeu, não pertence mais ao Rito e as origens e os costumes orientais. (Depoimento de membro do clero da Igreja Católica Melquita da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 20/5/2010.)

Os fluxos migratórios não se renovam e as gerações futuras da comunidade não mantêm as *tradições*. Os membros do clero, zeladores da memória¹, de suas comunidades preocupam-se com isto e tomam medidas para a manutenção de suas Igrejas na cidade:

*Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP

¹ Esse termo remete aos *homens-memória* de Jacques Le Goff. Indivíduos que são depositários da história "objetiva" e "ideológica" de suas comunidades e Estados.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Então os casamentos mistos colaboraram para que houvesse uma força centrífuga entre os paroquianos e... Quando se deu conta disso já era um pouquinho tarde, começamos a trabalhar nesse sentido. Hoje, sessenta por cento de nossos

paroquianos são brasileiros. Os ofícios são celebrados em português, então nós temos hoje um reverso, nós temos brasileiros se convertendo. (Depoimento de membro do clero da Igreja Ortodoxa Russa da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 24/2/2010.)

Assim sendo apresenta-se uma tendência dessas Igrejas à abertura de suas portas para fora da comunidade *original* que antes era exclusivamente seu redil. Portanto dois tipos de fiéis apresentam-se atualmente nessas Igrejas: aqueles associados *originalmente* com as Igrejas e aqueles *convertidos* para essas Igrejas, que não possuem relação com as comunidades imigrantes. Assim sendo ocorre um processo de *hibridismo* entre esses grupos na comunidade:

Hibridismo não é uma referência à composição racial mista de uma população. É realmente outro termo para a lógica cultural da tradução. Essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial. Antigas e recentes diásporas governadas por essa posição ambivalente, do tipo dentro/fora, podem ser encontradas em toda parte.(HALL :2009:71)

Essas comunidades e seus indivíduos (especialmente os *convertidos*) vivem diariamente na metrópole a questão da *tradução cultural*, pois são comunidades minoritárias, a questão do dentro/fora da comunidade é reavaliada todo o tempo, como será apontado mais adiante.

Logo para que possa aproximar um pouco dessas comunidades e compreender a experiência cotidiana desses grupos na cidade a interação com os fiéis é fundamental. Os fiéis são os membros da comunidade, eles são a comunidade por excelência. Mas algumas escolhas tiveram de ser feitas Para que esta experiência fosse completada, cinco fiéis de diferentes Igrejas e com trajetórias distintas foram chamados a participar deste estudo. A seleção dos entrevistados procurou contemplar de forma resumida vários aspectos do cristianismo oriental paulistano. Foram escolhidos dois fiéis membros de Igrejas Ortodoxas e três de Igrejas Católicas Orientais. Entre os fiéis ortodoxos, um frequenta a Igreja desde jovem e o outro passou a frequentá-la depois da maturidade. O mesmo ocorre em relação aos fiéis católicos orientais: dois são membros da Igreja desde a infância e um se “converteu” na idade adulta. Como os entrevistados não quiseram se identificar durante as entrevistas, seus nomes estão codificados.

Assim sendo, explicitamente, os fiéis entrevistados são: um fiel nascido na Igreja Apostólica Armênia, cujo código será F-AO; um fiel convertido para a Igreja Ortodoxa Sirian

(F-SO); dois fiéis nascidos na Igreja Católica Ucraniana (F-UC1 e F-UC2); e um fiel convertido para a Igreja Católica Melquita (F-MK). O diálogo nos depoimentos irá pautar o estudo. Com relação às Igrejas, o que pode-se dizer é que as Igrejas Católicas Orientais, são Igrejas de tradição oriental que tem o Papa de Roma como última instância de comando, enquanto que as Igrejas Ortodoxas não tem nenhum vínculo de comando com o Papa. Identificados os fiéis, torna-se necessário fazer alguns apontamentos acerca das origens desses indivíduos. F-SO apresenta-se como *brasileiro*: “Eu não sou de origem síria. Eu sou brasileiro mesmo, brasileiro puro, arretado.” (Depoimento de fiel da Igreja Ortodoxa Sirian da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 30/1/2011) Este trecho do depoimento do fiel remete à distinção muitas vezes feita pelos membros do clero entre os fiéis *brasileiros* e os *originários*. A afirmação de F-SO denota que ele percebe esse tipo de distinção no interior da Igreja. Posteriormente, no seu depoimento, o fiel apresenta as questões que o fizeram aproximar-se da Igreja Ortodoxa Sirian:

Foi o seguinte: eu vim da Igreja Católica, entretanto, lá na Igreja Católica eu sempre aprendi desde pequeno que padre não pode casar. De repente eu vi o padre lá... Quem que é aquele lá? Aquele é o filho do padre. Mas pô, padre não pode casar! Que história do filho do padre... Aí eu fui verificar que história é essa. (Depoimento de fiel da Igreja Ortodoxa Sirian da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 30/1/2011)

F-SO era membro da Igreja Católica Latina. O contato com o cristianismo oriental deu-se pelo conhecimento das diferenças entre certos preceitos latinos e orientais. Talvez essa situação sugira o “peso” da Igreja Latina na cidade e no país, já que há um desconhecimento de outras vertentes do cristianismo (salvo a vertente protestante, amplamente divulgada no país). Esse certo ineditismo das Igrejas Orientais, para muitos fiéis, torna-se elemento favorável à conversa. No entanto a conversão do fiel também deu-se pela proximidade entre as Igreja Oriental e a Igreja Latina:

É muito natural. Porque, na verdade, a mudança que eu fiz não foi radical. É diferente, se eu fosse, saísse, por exemplo, de ser católico para ser um judeu, ou de ser católico para ser do islã, é uma mudança brutal. Essa não: você pode entrar dentro da igreja, você vê os mesmos símbolos da Igreja Católica, o mesmo Jesus Cristo, o mesmo cálice, as mesmas velas, as mesmas orações. O próprio Pai Nosso é igualzinho. Então não há muita diferença não. (Depoimento de fiel da Igreja Ortodoxa Sirian da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 30/1/2011)

F-SO vê similaridades entre a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica. Segundo ele, a conversão não foi *radical*.

Quando perguntado sobre sua vivência como cristão ortodoxo na cidade de São Paulo, o fiel respondeu: “Ser ortodoxo é o seguinte: a própria palavra *orthos*, certo, correto.” (Depoimento de fiel da Igreja Ortodoxa Sirian da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 30/1/2011) Nisso seus apontamentos assemelham-se aos de muitos membro do clero ortodoxo paulistano: “Então os ortodoxos, retilineamente, mantiveram toda aquela experiência das primeiras comunidades, e nós nos ufanamos de sermos herdeiros dessas primeiras comunidades [...]” (Depoimento de membro do clero da Igreja Ortodoxa Grega da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 17/8/2011) .A questão do caminho correto e retilíneo perpassa o entendimento da palavra “ortodoxo”, associada à manutenção de preceitos e à rigidez. Muitos fiéis identificam essa rigidez no próprio rito oriental, comparando-o com o da Igreja Latina, tida como mais flexível:

Eu acho que é mais diferente para os outros, para os latinos. Porque a missa latina, eu acho que é mais curta, é mais rápida. A nossa é mais demorada [...]. É mais comprida, então a gente tá acostumado, para a gente não tem diferença nenhuma. Para quem é de fora, talvez é mais complicado do que para nós. (Depoimento de fiel da Igreja Católica Ucrâniana da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 21/8/2011)

No entanto, isso não se apresenta igualmente na experiência de fé e de cultura de F-SO. Para ele, a Igreja Ortodoxa:

Ela não é radical a religião, embora dê a impressão, é uma religião extremamente parecida com a Igreja Romana, não tem grandes conflitos. [...] O ortodoxo é absolutamente neutro, tranquilo, não tem grandes dogmas a serem seguidos, não tem grandes pressões, nada disso. (Depoimento de fiel da Igreja Ortodoxa Sirian da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 30/1/2011)

Para esse fiel, a Igreja Ortodoxa não tem postura ligada à rigidez, não existem grandes dogmas a serem seguidos. Para F-SO, a Igreja dogmática é a Igreja Católica:

A religião católica tem muitos dogmas. Por exemplo, começa daí: o padre não pode casar. Pô, aqui o padre pode casar. É um ponto a mais. Eu acho que, na verdade, deveria-se migrar muitas pessoas religiosas que gostariam de ser líderes religiosos, eu acho que teoricamente deveriam migrar para serem ministros religiosos da Igreja Maronita ou Sirian Ortodoxa, porque o padre lá pode casar. E ele celebra a missa, ele faz as comunhões, faz os casamentos. E tem o mesmo poder, vamos dizer assim, que os padres católicos. Mas infelizmente é uma Igreja muito minoritária

aqui. A Igreja Católica Apostólica Romana, não só no Brasil, como na América Latina, ela é avassaladora. (Depoimento de fiel da Igreja Ortodoxa Sirian da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 30/1/2011)

A Igreja Católica Latina é apresentada por F-SO como muito dogmática, principalmente no que se refere à questão do matrimônio dos sacerdotes. O fiel sugere que membros do clero da Igreja Latina deveriam migrar para as Igrejas Ortodoxas e Católicas Orientais, para que possam casar-se e manter-se padre. Essa flexibilidade da Igreja Ortodoxa aliada à semelhança dos ritos foram elementos que pesaram na conversão de F-SO. Diferentemente de F-SO, que adentrou o cristianismo oriental por intermédio de uma Igreja Ortodoxa, F-MK optou por uma Igreja Católica Oriental:

Então, na medida em que eu fui descobrindo esse mundo, essa tradição, digamos assim, esse cristianismo oriental, isso foi me ajudando por vários motivos no meu processo pessoal humano, enfim, descoberta de Deus, e me ajudou muito. E aí eu fui participando no primeiro momento, uma coisa muito prática, ou seja, o fato de simplesmente ir na missa, que é a Santa Divina Liturgia, como os orientais chamam, e na medida que eu fui participando, fui conhecendo pessoas, conhecendo a tradição oriental cristã, fui estudando cada vez mais isso e me aprofundando e me encantando, até que eu decidi mudar de Rito pedindo autorização etc. (Depoimento de fiel da Igreja Católica Melquita da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 28/3/2011.)

O depoimento de F-MK é entre os selecionados aquele que mais denota as aproximações e distanciamentos entre os vários ritos que compõe a Igreja Católica². Na experiência desse fiel se destaca a questão da conversão do Rito. Uma situação delicada devido a grandeza da Igreja Latina na cidade e no país. Ele menciona:

Eu digo assim, é delicado, é complicado, tanto que muitas vezes eu até já desisti de explicar o que significa ser Católico de Rito Oriental. Porque não adianta. A maioria das pessoas chega à conclusão de que você é um fiel da Igreja Ortodoxa, de tradição ortodoxa. Enfim, para quem estuda, nós sabemos que essas terminologias são bem complexas, ou seja, o que significa ser ortodoxo, o que significa ser católico. (Depoimento de fiel da Igreja Católica Melquita da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 28/3/2011.)

A vivência de F-MK encerra duas influências: sua relação mais antiga como fiel católico latino, e sua relação atual como católico melquita. Ele encontra-se num espaço

² Diferentemente do que se costuma divulgar a Igreja Católica é formada por diversos ritos, não somente a vertente latina, mais divulgada no país. Isto em última instância cria uma hierarquização entre os ritos católicos no Brasil, colocando o ramo latino acima dos demais.

delicado. A questão da alteridade aparece. O fiel, como antigo católico latino, sofreu as consequências da sua conversão na vivência familiar:

Então para um católico de Rito Latino ele realmente fica desconfiado. A sensação que dá... E eu sei porque, como eu nasci em família Latina, como eu vim de família Latina e Romana, muitas vezes eu senti que muitos me olhavam como um traidor, como alguém que tinha traído as suas origens, como alguém que tinha traído as suas raízes. (Depoimento de fiel da Igreja Católica Melquita da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 28/3/2011)

A dificuldade do fiel é evidente: “Então em São Paulo ser fiel da Igreja Melquita em São Paulo é difícil.” (Depoimento de fiel da Igreja Católica Mequita da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 28/3/2011). Isso se torna um entrave para a própria expansão das Igrejas Católicas Orientais:

Então, isso muitas vezes aconteceu, mas o que eu sinto é assim, não é uma preocupação da Igreja Melquita em roubar fiel da Igreja Latina, mas o que existe é uma preocupação de evangelizar, de levar o Evangelho. E nós vivemos numa cidade onde muitas pessoas se dizem católicas, foram batizadas, mas nós sabemos que não são católicas. Elas não frequentam a Igreja. Então, no entendimento do meu bispo e de vários outros, deveria existir, digamos assim, uma liberdade maior para as pessoas poderem escolher que Rito ou com que tradição cristã elas se identificam mais, já que nós estamos na mesma Igreja. (Depoimento de fiel da Igreja Católica Melquuuta da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 28/3/2011)

A experiência de F-MK como fiel convertido da Igreja Latina para uma Católica Oriental marca profundamente seus apontamentos sobre a situação dessas Igrejas na cidade. Uma complexidade que sugere o predomínio da Igreja Latina sobre as demais vertentes do cristianismo católico. Em última instância as Igrejas Católicas Orientais na cidade de São Paulo³, necessitam negociar sua existência na cidade com a Igreja Latina dominante.

Outro tipo de experiência que pode ser contemplada dentro do cristianismo oriental paulistano é a dos fiéis nascidos na Igreja. Estes partilham com o clero a origem comum. Estão associados àquelas imigrações que trouxeram essas Igrejas para a cidade. Muitas vezes, são assíduos frequentadores dos templos e tomam parte na celebração religiosa, como é o caso de F-AO: “Eu sou um fiel, frequento desde criança, fui batizado nessa Igreja, tenho muito orgulho dela, por ela ser a Igreja mais antiga que abraçou o cristianismo no mundo, a Igreja

³ Além da Igreja Católica Melquita (associada à imigração síria) existem na cidade outras quatro Igrejas Católicas Orientais: a Igreja Católica Ucrâniana (que será abordada mais adiante), a Igreja Católica Armênia, a Igreja Católica Maronita (associada à imigração libanesa) e a Igreja Católica Russa.

Armênia. Eu tenho orgulho de fazer parte e cantar no coral dessa Igreja.” (Depoimento de fiel da Igreja Apostólica Armênia da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 13/3/2011). Esse fiel parece reproduzir elementos da construção da memória do cristianismo armênio, como a referência ao fato de a Armênia ter sido a primeira região a aceitar o cristianismo como religião oficial (MOGLIORINO, 2008: 8-9). Além disso, F-AO evidencia o orgulho que possui por integrar o coral da Igreja. Cantar no coro significa conhecer o Rito, significa conhecer a língua sagrada.

A Igreja Apostólica Armênia pode ser considerada uma das mais fechadas no âmbito da cidade. Ela orgulha-se de sua ancestralidade e de sua atuação com a comunidade. Como sugere um membro do clero dessa Igreja ela dificilmente busca uma reestruturação na realidade paulistana para ampliar seu número de fiéis:

A Igreja Armênia é uma exceção: ela considera seus filhos, todos que são batizados na Igreja, que pertencem a Igreja nacional armênia e praticam todas as cerimônias na língua armênia e são descendentes dessa nação. Mas as outras Igrejas aceitam de todas as nações como seus filhos, como membros da Igreja. (Depoimento de membro do clero da Igreja Apostólica Armênia da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 8/2/2010)

F-AO parece ter essas relações em seu horizonte. Ele valoriza a cultura e a religião armênia. Terminada a entrevista, o depoente pediu para comentar acerca do Genocídio Armênio:

Como nós tivemos uma invasão bárbara do Império Otomano, no governo do Império Otomano, e o povo turco pressionou muito fortemente, houve um Genocídio de um milhão e meio de armênios que está nos nossos corações até hoje, foi muito grave e isso fez com que a fé na nossa Igreja se fortalecesse e fosse um escudo contra todo esse infortúnio que foi esse massacre em cima dos armênios. (Depoimento de fiel da Igreja Apostólica Armênia da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 13/3/2011).

O Genocídio é elemento fundamental na construção da memória armênia. A sua divulgação, entende-se, é importante para a manutenção da comunidade. No depoimento do membro do clero, guardião da memória de seu grupo, a referência a esse fato na construção da memória foi notável:

Graças à história milenar do povo armênio que os armênios tem uma fama no Brasil como outros países como gente trabalhadora, como bons cidadãos e em toda parte os armênios são considerados bons cidadãos e por isso que muitos países

apoiaram e reconheceram o Genocídio Armênio. Ainda estamos com a esperança de que algum dia a nossa pátria Brasil também oficialmente reconhecerá a verdade e declarará, defendendo o direito dos armênios. Porque defender os armênios é defender os Direitos Humanos, não pertence só aos armênios, não é problema dos turcos se não é um problema humano. Para que não se repita os genocídios, devem condenar ou aceitar os seus. Quando os turcos cometeram o Genocídio Armênio massacrando um milhão e meio de armênios simplesmente porque eram armênios e cristãos. (Depoimento de membro do clero da Igreja Apostólica Armênia da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 8/2/2010)

A aproximação dos discursos do fiel e do membro do clero pode sugerir uma homogeneidade no pensar e refletir a comunidade armênia na cidade de São Paulo. No entanto, fazer uma afirmação categórica dessa harmonia seria imprudente. Seria anular o caráter distinto entre membro do clero e fiel. Se por um lado a relação não é dicotômica, por outro lado ambos não partilham perspectivas iguais. Ao final da entrevista, F-AO fala de suas relações com os católicos latinos: “Nós vamos e recebemos eles também, e também eu, como frequentador, particularmente vou em outras igrejas cristãs também, como a do padre Marcelo Rossi, como da Canção Nova, que são Igrejas Católicas Romanas.” (Depoimento de fiel da Igreja Apostólica Armênia da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 13/3/2011). F-AO, fiel da Igreja Apostólica Armênia – fiel às tradições, histórias e preceitos de sua Igreja (uma das mais fechadas no âmbito paulistano) e comunidade, membro do coro e com um discurso semelhante ao do membro do clero armênio –, frequenta a vertente carismática da Igreja Católica Romana. Dicotomias e unidades não dão conta da experiência dos fiéis orientais na cidade de São Paulo. Cada fiel apropria-se dos elementos que o cercam, seja o discurso do membro do clero, sua situação como membro da comunidade armênia ou sua vivência fora dessa comunidade.

Mantendo-se o foco nas relações dos fiéis *nascidos* dentro das Igrejas Orientais encontramos a situação de dois fiéis da Igreja Católica Ucraniana: F-UC1 e F-UC2, membros de mais uma Igreja Católica Oriental na cidade. Mais uma vez a disputa entre a Igreja Latina e as demais Igrejas Católicas aparece. F-UC1 e F-UC2 apresentam a busca de um templo próprio para a comunidade católica ucraniana de São Paulo e de São Caetano:

E até 54 mais ou menos era rezada a missa com a autorização da igreja católica matriz antiga de São Caetano, cediam a igreja para a realização do Rito Ucraniano, aqui na igreja Fundação, a matriz velha de São Caetano, e a partir de 56 mais ou menos que terminou a construção da igreja lá... (F-UC1)

A primeira parte. Que a igreja levou praticamente de quinze a vinte anos para fazer ela. (F-UC2) (Depoimentos de fiéis da Igreja Católica Ucraniana da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 21/8/2011)

Segundo o depoimento, desde a chegada dos imigrantes à região metropolitana, os ucranianos católicos contavam com a colaboração da Igreja Latina para a celebração de sua fé. A Igreja Matriz do bairro Fundação em São Caetano era cedida para a realização da Divina Liturgia no Rito Ucraniano. Depois de vinte anos foi estabelecida uma igreja própria para os ucranianos. Após a construção do templo ucraniano, a comunidade teve a interferência da Igreja Latina: “Antes era só ucraniano. Depois teve esse acordo com a Sé uns trinta anos atrás. Os padres fazem a missa latina também, no Rito Latino também.” (Depoimentos de fiéis da Igreja Católica Ucraniana da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 21/8/2011). Assim, houve uma separação na estrutura do templo:

A nossa Igreja tem dois nomes: Nossa Senhora da Glória é para os latinos, e Nossa Senhora Imaculada Conceição é o nome ucraniano. Ela foi construída pelos ucranianos, só que na época a Cúria da Sé fez tipo um acordo para conseguir registrar a Igreja aí na Vila Prudente, pediu para que fosse cedida também para o Rito Latino, porque ali nas proximidades não tinha igreja. Então, apesar de os ucranianos terem construído e feito tudo, foi partilhado com a comunidade latina. (F-UC1) (Depoimentos de fiéis da Igreja Católica Ucraniana da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 21/8/2011)

A estrutura física do templo católico ucraniano se divide entre a Igreja Latina e a Igreja Católica Ucraniana. No depoimento nota-se certo ressentimento de F-UC1 com respeito à atitude da Igreja Latina na estruturação do templo. Segundo ele, *apesar de os ucranianos terem construído tudo*, o templo foi *partilhado com os latinos*. Novamente surge a questão de negociação necessária com a Igreja Latina para que os outros ramos do cristianismo católicos na cidade possam prosperar além da sugestão de uma tutela exercida pela Igreja Latina sobre suas *irmãs* na cidade.

A questão do envelhecimento da comunidade e da conversão de novos indivíduos para a fé cristã oriental também é parte das preocupações dos fiéis católicos ucranianos. No entanto, as sugestões apresentadas por F-UC1 e F-UC2 são de membros antigos da comunidade ucraniana observando as mudanças e contingências no interior da Igreja:

Então a comunidade vai diminuindo, mas é o que a gente fala: enquanto ainda tiver meia dúzia lá, vai ter. E a mesma coisa aqui na Sociedade, porque os jovens têm outras oportunidades, hoje a maioria infelizmente não se interessa muito. É um ou

outro, tal. Aqui na Sociedade é um pouco mais fácil, mas na Igreja dá para contar nos dedos os jovens que participam, tal. E a gente já fez alguma coisa assim em termos de escrever a própria Liturgia com letras latinas, traduções também, para facilitar, ver se os jovens vinham um pouco, mas não deu muito resultado. Realmente, eles têm outras prioridades. (F-UC2) (Depoimentos de fiéis da Igreja Católica Ucrâniana da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 21/8/2011)

A questão geracional aparece. Os entrevistados são membros da segunda geração da comunidade ucraniana, filhos dos imigrantes que vieram após a Segunda Guerra. Eles parecem ter um comprometimento com a Igreja, mas lamentam as atitudes dos indivíduos da terceira geração, netos desses primeiros imigrantes. Apontam o desinteresse dos mais jovens pela Igreja, mas notam uma proporção maior de interessados na Sociedade Ucrâniana, que promove grupos folclóricos de dança. No entanto, a comunidade religiosa ucraniana é penetrada por elementos de fora da comunidade. Assim como visto nas experiências de F-SO e F-MK, a Igreja Católica Ucrâniana possui fiéis convertidos depois de adultos frequentando a Divina Liturgia:

Tanto que vem gente, que não são ucranianos e frequentam lá já há muitos anos. Acho que é mais de vinte anos que eles frequentam lá, e gostam, e seguem os Ritos. Tanto que agora há pouco tempo faleceu um senhor lá, e foi feita a Panaheda tudo no Rito Ucrâniano para ele também (F-UC1) (Depoimentos de fiéis da Igreja Católica Ucrâniana da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 21/8/2011)

Contudo, F-UC1 aponta o quanto esses indivíduos *não ucranianos* foram influenciados pela fé e cultura da comunidade imigrante. No funeral de um desses fiéis foi feita a *Panaheda* (панахеда), ritual fúnebre da Igreja Católica Ucrâniana, cantado em eslavônio. Para F-UC1: “Se tornaram parte da comunidade religiosa. Aqui na comunidade como ucraniano só não. Em termos religiosos tudo o que tem eles participam, tem bastante gente lá.” (Depoimentos de fiéis da Igreja Católica Ucrâniana da cidade de São Paulo, em entrevista concedida ao autor em 21/8/2011).. Esses fiéis *convertidos* são tidos como parte da comunidade na fé, na Igreja. Mesmo assim, são considerados distantes da *comunidade ucraniana*, não são *só ucranianos*. No horizonte dos fiéis *nacidos* há distinção entre eles e os fiéis *convertidos*.

Os fiéis orientais paulistanos estão localizados num ponto de intermediação de relações, entre as antigas referências da fé que professam, seja ela armênia, melquita ou

ucraniana, e suas experiências pessoais, como habitantes de uma metrópole múltipla. De um lado encontra-se toda a tradição e cultura de cada Igreja Oriental, com sua forte ligação com as comunidades imigrantes, do outro a vivência cotidiana dos fiéis que muitas vezes tangência o convívio com as comunidades. No entanto, como os depoimentos apontaram, ao invés de valorizar essa relação de contrários, os fiéis apropriam-se de elementos de ambas as perspectivas, criando uma *liga cultural*:

Estes cruzamentos não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois conjuntos estabelecidos de antemão mas como produtores de “ligas” culturais ou intelectuais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados um aos outros como nas ligas metálicas. (CHARTIER, 1990: 56-57)

Nenhum fiel apropria-se dessa tradição da mesma maneira que outro, assim como o cristianismo oriental de São Paulo é distinto daquele da Síria, Armênia ou Ucrânia. A *experiência* perpassa distintamente indivíduos e lugares (THOPMSON, 1981:58-59), mesmo que declarem uma tradição comum.

FONTES E BIBLIOGRAFIA:

BINNS, John. **An Introducion to the Christians Orthodox Churches**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Orgs.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HIMKA, John-Paul. **Religion and Nationality in Western Ukraine: The Greek Catholic Church and the Ruthenian National Movement in Galicia, 1867-1900**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999.

KARIBIAN, Datev. **Ecos Ressonantes: noções gerais sobre a história, festas e santos mais populares da Igreja Apostólica Armênia**. São Paulo: Publicação da Diocese da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, 2008.

KHATALAB, Roberto. **As Igrejas Orientais Católicas e Ortodoxas: Tradições Vivas**. São Paulo: AM Edições, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

MAGLIORINO, Nicola. **(Re)Constructing Armenia in Lebanon and Syria: Ethno-Cultural Diversity and the State in the Aftermath of a Refugee Crisis**. Nova York: Berghahn Books, 2008.

O'MAHONY, Antony. Syriac Christianaty in the Modern Middle East. In: ANGOLD, Michel (Org.). **The Cambridge History of Christianity - Eastern Christianity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SHOFANY, Saba. **The Melkites at the Vatican Concil II: Contribution of the Melkites Prelates to the Vatican Concil II.** Bloomington: Authorhouse, 2005.

THOMPSON, Edward P. **A Miséria da Teoria.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Depoentes

- Membro do clero da Igreja Apostólica Armênia da cidade de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 8/02/2010.

- Membro do clero da Igreja Ortodoxa Russa da cidade de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 24/02/2010.

- Membro do clero da Igreja Católica Melquita da cidade de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 20/05/2010.

- Fiel da Igreja Ortodoxa Sirian da cidade de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 30/01/2011.

- Fiel da Igreja Apostólica Armênia da cidade de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 13/03/2011.

- Fiel da Igreja Católica Melquita da cidade de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 28/03/2011.

- Fiéis da Igreja Católica Ucrâniana da cidade de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 21/08/2011